

# **A PERCEPÇÃO DE GUERRA E PAZ POR PABLO PICASSO: A ARTE COMO REGISTRO POLÍTICO**

Vitória Gabriela Patriota Sales<sup>1</sup>

Prof. Leonardo Mércher<sup>2</sup>

## **RESUMO**

O presente estudo analisa a arte como registro político e buscar compreender como movimentos artísticos retratam e influenciam contextos e percepções de guerra e paz utilizando-se dos trabalhos de Pablo Picasso. Através do construtivismo e, conseqüentemente, da diplomacia cultural – aqui não centrada apenas nos Estados, entenderemos o papel do artista ao representar narrativas de conflito de acordo com seus pontos de vista, fomentando o diálogo e a formação de valores, promovendo a interculturalidade. Compreendemos que o entendimento entre agentes da sociedade através do diálogo pode não somente impedir a erupção de conflitos, mas sensibilizar e trazer reflexão sobre dadas temáticas em meio à sociedade civil e, conseqüentemente, aos indivíduos que alcançam o poder. Como ver é cultural, os principais resultados obtidos apontam para como os trabalhos de Picasso auxiliam na compreensão da construção dos conceitos de guerra enquanto sofrimento, perda humana e violência, e paz enquanto bem maior da humanidade ao nível dos indivíduos, em afinidade com o conceito de paz positiva de Galtung.

**Palavras chave:** Diplomacia Cultural. Guerra. ~~Relações Internacionais~~. Paz Positiva. Pablo Picasso.

## **INTRODUÇÃO**

Segundo Platão e Aristóteles, em “A Arte Poética”, a criação artística é inseparável da noção do mundo real. A arte, portanto, representa constantemente a realidade social. Sendo assim, entendiam que, por meio de manifestações artísticas, seria possível compreender mais acerca da realidade humana e sua respectiva cultura. Consideramos aqui, então, eventos históricos que serão abordados ao longo do estudo, por meio de obras de arte. Parte-se do princípio de que a arte possuiu um impacto considerável no cenário político e social, registrando percepções e orientando a construção de valores sociais

---

<sup>1</sup> Graduanda em Relações Internacionais pelo Centro Universitário Internacional – UNINTER.

<sup>2</sup> Professor doutor em Ciência Política (UFPR, 2016).

sobre temas tão relevantes às Relações Internacionais, como guerra, paz e direitos humanos.

Em tempos de grandes mudanças políticas e o crescimento do ativismo transnacional, conseqüentemente, com o mundo globalizado e dirigido pelas mídias, a arte tem sido uma ferramenta poderosa para a discussão de direitos e a construção de um diálogo social. Ao analisarmos as obras e o contexto em que se inserem, perceberemos o poder do artista ao representar uma narrativa específica, fomentando a troca de opiniões e ideias, promovendo o conhecimento de outras vertentes e a aceitação da diversidade cultural.

Analisaremos, afinal, como movimentos artísticos retratam e influenciam contextos de guerra e paz utilizando-se dos trabalhos de Pablo Picasso como base recente, aos acontecimentos do século XX, no mesmo período de organização das ideias das Relações Internacionais enquanto disciplina. Por fim, o estudo pretende identificar até que ponto as manifestações artísticas, sejam elas propositalmente ativistas ou não, tiveram e ainda têm relevância enquanto agentes e ferramentas construtoras das percepções e valores nas relações internacionais contemporâneas.

## **DESENVOLVIMENTO**

### **Cultura como dinâmica internacional: estudos da arte nas relações internacionais**

Arte e relações internacionais são dois temas distintos entre os quais, ao princípio, não há a existência de diálogo. Analisando através de um ponto de vista mais raso, a arte trata puramente da estética e, ocasionalmente, da expressão de sentimentos ou ideais, por vezes obscuras. Enquanto isso, as relações internacionais têm por objeto de estudo temáticas mais complexas tais como política e economia, que diretamente acarretam impacto nas nações, em nível global.

Contudo, ao investigá-los mais a fundo, é possível enxergar vertentes paralelas que, não somente conversam, mas trazem contribuição e agregam valor intelectual entre eles. Afinal, consideramos aqui que agentes e estrutura se influenciam mutuamente.

A partir desse pressuposto, nos deparamos com a Teoria do Construtivismo, inserida no terceiro grande debate dos estudos das relações internacionais. Alexander Wendt classifica a teoria como uma forma de idealismo estrutural, enfatizando o compartilhamento de ideais e suas respectivas influências nas estruturas sociais. O teórico compreende que as estruturas do sistema são formadas através do compartilhamento de conhecimento. A cultura, apesar de primariamente conservadora, pode ser modificada em sua estrutura em razão de seus agentes ativos. Tais contestações podem advir de eventuais choques exógenos, compartilhamento de crenças, criatividade e a constante revolução e inovação em ideais se tratando de cultura. Para ele, a formação de identidade é independente do sistema, considerando que cada Estado tem uma individualidade. Individualidade essa que é construída através da interação, que, através de suas práticas, produz estrutura.

A formação de identidade, de mesma forma, se classifica em diferenciadas vertentes. Focaremos, aqui, no âmbito coletivo. Nesse escopo, consideramos que “os atores, ainda que racionais, calculam seus interesses na base do grupo ou equipe” (Wendt, 1999). Portanto, os atores definem o bem-estar do outro como parte do bem-estar próprio, em uma relação quase altruísta.

Porém, quase tal e qual regra, ao tratar-se de cultura e arte na vertente internacionalista, os focos principais são a arte como forma de comércio, contemplando diretamente o panorama econômico e a arte como patrimônio cultural, a partir da necessidade da preservação da história.

Por definição, o comércio internacional de arte se trata da comercialização de obras únicas e irreprodutíveis entre nações, sendo um bem culturalmente significativo. Com isso, se desencadeiam debates e discussões sobre exportação de arte e suas possíveis restrições por motivos nacionalistas e culturais ou, por outro lado, a sua liberalização. Já a arte como patrimônio histórico e cultural é, em sua definição pura e simples, o legado de artefatos tangíveis e intangíveis de uma sociedade herdado de gerações passadas, incluindo desde monumentos e obras de artes até tradições e conhecimento. Este panorama é cercado por variadas questões filosóficas, técnicas e políticas em amplas dimensões.

No escopo deste estudo, entretanto, trataremos da arte como diplomacia cultural.

A diplomacia cultural, por sua vez, trata-se da troca de ideias, informações, artes, linguagens e cultura em geral com o intuito de fomentar a compreensão mútua entre nações. Em sua essência, promove novos pensamentos a partir do reconhecimento da realidade do outro, reunindo, assim, diferentes culturas.

Apesar de ser uma vertente pouco vista quando se tratando de resolução de conflitos, a cultura pode ser uma ferramenta de ação política, inclusive no âmbito internacional. A propagação do entendimento acerca do tema contribui para a criação de uma atmosfera propícia ao diálogo. Afinal, as relações internacionais são puramente produto da interação entre diferentes culturas, povos e nações.

A cultura nos diz o que queremos, preferimos, desejamos e, portanto, valorizamos. O modo como a cultura pode afetar atitudes e relações sociais já foi verificado em uma ampla gama de áreas, incluindo padrões variados de individualismo, masculinidade, evitação de incertezas, distância do poder e complexidade cultural. (Hudson 1997b, p8).

Evidenciamos aqui o conceito de interculturalidade que, segundo definições da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), “é a troca de diálogo entre civilizações, culturas e povos, facilitando a compreensão e o respeito mútuo entre culturas diferentes, sendo essencial para a coesão social, reconciliação entre povos e paz entre nações”.

Considerando que “a consciência cultural de outros povos e nações é essencial para a cooperação internacional e comércio bem-sucedido” (Feigenbaum, 2001), destacamos a importância do diálogo intercultural e seu respectivo poder como agente internacional. O diálogo intercultural é capaz de, indiretamente, impedir conflitos internacionais e trazer sensibilidade em diferentes casos, entre diversos atores sociais. Para Johan Galtung, estudioso referencial em estudos da paz, a existência da paz se trata de uma combinação entre equidade e harmonia. Com isso, aponta “compartilhar o sofrimento dos outros” e “deliciar-se com as alegrias dos outros” como os dois primeiros níveis da paz positiva (The Art Of Peace, 2017).

Julgando que grande parte dos conflitos humanos provém de percepções conflitantes e equívocas, os processos de negociação de paz devem ter como foco a mudança de percepções. Para isso, deve-se iniciar um diálogo, permitindo

que as partes desenvolvam relacionamentos pessoais, levando posteriormente à discussão de diferentes dimensões do suposto conflito. No mesmo sentido, Galtung determina a paz positiva como a integração da sociedade humana (Galtung, 1964:2). O estudioso entende a paz positiva como a ausência de violência estrutural e cultural e prevalência de justiça, harmonia e igualdade, ou seja, o cumprimento dos direitos básicos dos indivíduos – e não apenas a simples ausência de conflito armado.

Cynthia Cohen, por sua vez, propõe a troca de experiências e o diálogo entre as partes em caso de conflito, o que pode se suceder através da produção artística (COHEN, 2003). Dessa forma, entendemos as manifestações artísticas como um âmbito cultural mais facilmente propagável e internacionalizado, julgando-as como um importante ator na fomentação de diálogos.

Os acontecimentos no meio social palpável têm direta atuação nos processos artísticos concorrentes. Tomamos a arte como um importante formador de opiniões, promovendo o diálogo intercultural e protegendo a diversidade. Hoje, diante a situações de conflito no âmbito político e social, a expressão artística é frequentemente usada como ferramenta de compreensão e propagação de ideais e causas. Efetivamente a arte reflete a sociedade e, de mesma forma, ao fazê-lo, pode influenciá-la.

### **A arte como registro político e construção de valores**

Os artistas, a partir de seus respectivos contextos políticos e históricos, representam eventos sob pontos de vista singulares, levando o telespectador a refletir sobre o determinado tema ali apresentado. Focaremos, aqui, nos trabalhos realizados por Pablo Picasso e, portanto, analisaremos as artes visuais. Em um contexto de conflito, a arte pode expressar testemunhos de guerra ou narrativas de resistência, como é o caso de *Guernica*, obra que será analisada com detalhes mais à frente.

Historicamente, é possível apontar variados movimentos artísticos que retrataram e, posteriormente, influenciaram a sociedade em contextos de confrontos e vice-versa. Francisco Goya foi um dos pioneiros com sua série de gravuras anti-guerra “*Os Desastres da Guerra*” (1810-1815), chamando atenção

para os feitos das Guerras Napoleônicas na Espanha, que resultou na morte de diversos cidadãos espanhóis.



Figura 1 - Os Desastres da Guerra, Francisco Goya, 1810-1815

Para muitos historiadores da arte, a série é considerada a mais grandiosa arte de guerra já produzida. Sem cerimônias, Goya representa brutalmente em suas gravuras os dramas do acontecimento. Ainda hoje é árduo encarar tais desenhos por imensa fatalidade nos detalhes representados, que não escondem ou vangloriam os atos depravados da ocupação napoleônica na Espanha. De fato, as cenas de sofrimento causam no espectador o sentimento da injustiça. Uma das gravuras mais famosas da série expõe três cadáveres desnudos e mutilados presos à uma árvore. A publicação da obra foi postergada, dando-se o regime repressivo de Ferdinand VII instalado na época. O artista nem sequer chegou a vê-los publicados, apesar disso, foi extremamente influente posteriormente, inspirando artistas como Salvador Dalí e Pablo Picasso.

Apesar de se destacar por sua abordagem sangrenta e impactante, Goya certamente teve antecessores, que, de diferentes formas, também utilizaram da arte como forma de influência política. Rubens, entre 1629 e 1930, executou “Guerra e Paz”, na Inglaterra, ilustrando a esperança pela paz entre a Inglaterra e a Espanha, como pedido de Philip IV.



*Figura 2 – As consequências da guerra, Rubens, 1629*

O artista foi enviado em uma missão diplomática, com o intuito de decorar a sala de banquete do rei da Inglaterra, na tentativa de impedir a guerra entre as nações. A pintura acompanha “*Alegoria da Paz*” e, enquanto uma utiliza de uma abordagem poética para representar a brutalidade da guerra, a outra romantiza o estado da paz.



*Figura 3 - Alegoria da Paz, Rubens, 1629*

Décadas após, a arte e seus respectivos artistas seguiram demonstrando seu papel como agentes políticos. Mais à frente, Diego Rivera promoveu controvérsias ao produzir uma obra com ideais comunistas no Centro Rockefeller. O artista, que foi convidado a pintar um mural no local, foi censurado ao incluir em sua composição a imagem de Vladimir Lenin. A obra, que explicitamente critica o sistema capitalista, teve de ser concluída no Palácio de Belas Artes, no México. Em três seções, o painel representa o operário como controlador do universo e expõe o efeito do capitalismo, retrata a luta de classes e, por fim, cenários de guerra.



*Figura 4 - O homem controlador do Universo, Diego Rivera, 1934*

Na contemporaneidade, nos deparamos com um artista de rua sem identidade, conhecido pelo pseudônimo 'Banksy'. Suas obras são, em sua maioria, ativistas, com teor crítico e social. O artista expõe seu trabalho em locais públicos e polemiza ao tratar de temáticas atuais. Sua peça de maior destaque está localizada em uma parede em Jerusalém, uma área de alto conflito político e religioso. A imagem exibe um homem em ambiente de confronto, utilizando como arma um ramo de flores. Com a obra, Banksy advogou pela paz e fomentou amplo diálogo ao redor do mundo sobre a causa.



*Figura 5 - Rage, the Flower Thrower, Banksy, 2005*

Indiscutivelmente, a política cultural como agente na sociedade transnacional frutifica em impactos através de suas narrativas. Tais representações têm a capacidade de, positivamente ou negativamente, fomentar a reflexão e o diálogo no meio social acerca de diversificadas temáticas. A diplomacia cultural é inerentemente performativa e participativa. A performatividade é o ato de comunicação que transmite significado social (Butler, 1993).

Hedley Bull, em “A Sociedade Anárquica” (1977), afirma que a sociedade é constituída pelo direito internacional, o equilíbrio de poder, diplomacia, grandes potências e a guerra. “O poder sobre a opinião não é menos essencial para propósitos políticos do que o poder militar e econômico [...] A arte da persuasão sempre foi uma parte necessária do equipamento de um líder político” (E.H. Carr, 1939). Portanto, reputamos a propaganda da paz como uma coerente técnica de persuasão, empregada com o objetivo de unir pessoas através de um ideal em comum. De mesma forma, a representação da guerra, gera revolta ao espectador.

Atestamos tais afirmações ao contemplar a Constituição da UNESCO (1945), a qual tem como base de estratégia a influência acerca de atitudes e opiniões: “As guerras começam nas mentes dos homens e é nas mentes dos homens que as defesas pela paz devem ser construídas”. Compreendemos a existência de uma clara relação entre a persuasão, poder e influência que perdura. Sendo assim, o ato de influenciar é um forte mecanismo de poder.

## A percepção de guerra e paz por Pablo Picasso

De acordo com Pablo Picasso, “a arte nunca é casta [...], a arte é perigosa. Onde é casto, não é arte”. O artista, conhecido em todo mundo por seus grandiosos feitos artísticos, possuía fortes opiniões políticas que causavam controvérsias. Apesar destas não sobreporem suas obras de maior destaque, é evidente que, a partir de certo ponto, foram grandes as influências dos acontecimentos políticos em seu trabalho. Destacamos “*Guernica*”, “*Pomba da Paz*” e “*Massacre na Coreia*” como objetos de análise nesta seção.

A Guerra Civil Espanhola, instaurada em 1936, foi o estopim para o engajamento político efetivo de Picasso. “Sua tela era seu campo de batalha e suas armas eram o pincel e as tintas”. Em combate aos ideais fascistas, fortemente propagados na época, o artista se posicionou politicamente pela primeira vez aos olhos do público através de uma série de gravuras que satirizavam as intenções do então líder nacionalista, Francisco Franco, em “*Sonho e Mentira de Franco*” (1937). Composta por dezoito figuras, a obra foi produzida com o intuito de arrecadar fundos para o Governo Republicano Espanhol.



Figura 6 - *Sonho e Mentira de Franco*, 1937

As imagens depostas retratam Franco promovendo a aniquilação do povo espanhol e seu sofrimento. Através delas, indiretamente, o artista fomenta o temor ao espectador e a reflexão acerca do conflito, demonstrando possíveis acontecimentos bárbaros que estariam alinhados ao regime. Para além de arrecadar cerca de trezentos mil francos em fundos, a composição se mostrou igualmente uma propaganda antifascista.

Ainda no mesmo ano, Picasso seguiu com a elaboração de sua arte política, dando voz à '*Guernica*' (1937), obra foco e referência principal deste ensaio. A pintura, que representa o bombardeio da cidade de Guernica pela força aérea de Hitler, é, até os dias de hoje, considerada uma das manifestações artísticas mais poderosas em protesto à guerra. O massacre, embora chocante, é lembrado, principalmente, por seu icônico registro artístico realizado de forma crítica e revolta. Tal obra, quando exibida, fomentou a abertura para discussões políticas em uma exibição direcionada à celebração da tecnologia moderna em Paris, confrontando os expectadores sobre o sofrimento do povo espanhol. O painel se tornou símbolo do pavilhão republicano da Espanha, mais uma vez, demonstrando a clara vertente política nos ideais do artista.



Figura 7 - *Guernica*, 1937, Pablo Picasso

Ainda na contemporaneidade, a imagem é continuamente usada como base para criações artísticas com teor político. No mundo inteiro, é possível encontrar, em protestos, cartazes que fazem referência à obra.



Figura 8 - Aleppo(nica), Vasco Gargalo, 2016



Figura 9 – Manifestantes utilizam Guernica como forma de protesto

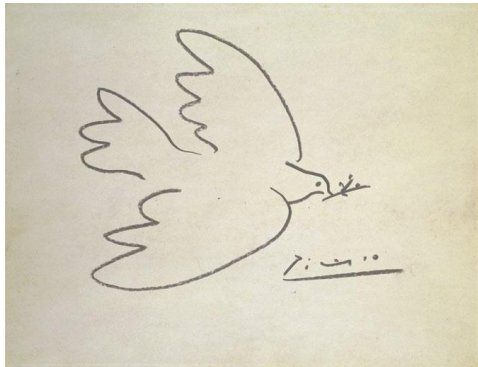
Num contexto mais recente, o bombardeamento em Aleppo, na Síria, teve grande repercussão globalmente e, mais uma vez, a composição de Picasso foi relemburada e utilizada como forma de denúncia, reverberando choque pela semelhança dos fatos ocorridos.

O poder de Guernica - para nos fazer ver os crimes do nosso tempo mais claramente - é um tributo à eficácia moral da arte. Há uma razão pela qual todos reconhecem Guernica como uma imagem da barbárie do bombardeio. A Segunda Guerra Mundial viu muito mais ataques aéreos assassinos, mas Guernica é o exemplo mais universalmente lembrado da pena de ataques aéreos - porque Picasso a pintou. (Jonathan Jones - The Guardian, 2016).

Explicitando o impacto da obra, em 2003, uma reprodução do painel exposta na sede da ONU, em Nova Iorque, foi censurada e coberta por panos durante o discurso do militar Colin Powell, então Secretário de Estado dos Estados Unidos, que propunha o envolvimento do país na guerra do Iraque.

Em 1944, exilado na França, o artista espanhol explicitamente afirma seu viés político ao ingressar no Partido Comunista Francês, obtendo um prestígio favorável ao partido e encorajando outros a se unirem a causa. Seu envolvimento com os movimentos liderado pelos comunistas o levou a produzir “A Pomba da

*Paz*” (1949) e uma série de imagens utilizando do símbolo, que se tornou ícone do movimento pela paz.



*Figura 10 - Pomba da Paz, Pablo Picasso, 1949*

A imagem, que foi aprimorada ao longo dos anos, foi o emblema da Primeira Conferência Internacional da Paz, desempenhando um significativo papel na propaganda pacifista durante os anos cinquenta e sessenta. Hoje, um desenho linear e simples, é compreendido por todos, independentemente da cultura, como o símbolo da paz. Internacionalmente, a pomba tornou-se uma alusão a defensores de soluções pacíficas.

O artista se tornou uma referência em arte anti-guerra e desempenhou um papel marcante em protestos políticos transnacionais. "Eu defendo a vida contra a morte, defendo a paz contra a guerra", afirmou o espanhol. Pablo Picasso utilizou da sua voz e de seu nome enquanto pode, dando vida a trabalhos relevantes que carregavam mensagens que não somente se aplicavam a realidade Europeia.

Em 1951, dado a guerra na Coreia, Picasso retratou em mais uma de suas pinturas o Massacre de Sinchon, ocorrido em 1950. A representação, inspirada por relatos de atrocidades americanas, exhibe o assassinato em massa de civis por forças anticomunistas, na Coreia do Norte, deixando claro sua reprovação quanto á intervenção das Nações Unidas e dos Estados Unidos no conflito.

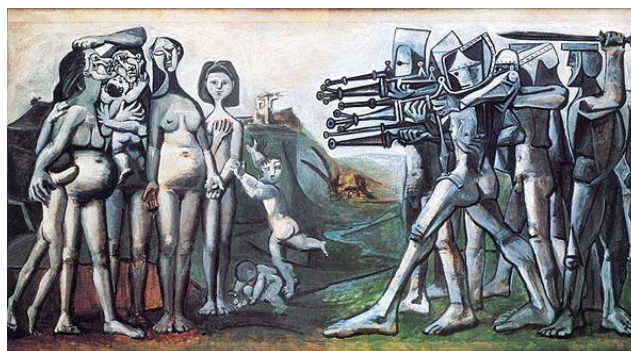


Figura 9 - *Massacre Na Coréia*, Pablo Picasso, 1951

Reconhecido pelo efeito de suas criações artísticas, com seus ideais políticos já abertamente verbalizados e filiado a um partido, a arte de Picasso passou a ser considerada propaganda comunista, atraindo preocupações tanto a ele quanto ao próprio partido. Dessa vez, o efeito foi inverso e forneceu aos críticos do comunismo uma arma contra o partido. Pouco tempo depois, “*Massacre na Coréia*” foi usada por manifestantes que protestavam a favor das vítimas feitas na invasão soviética na Hungria, em 1956. Contudo, independente da finalidade, a arte não falhou ao desencadear reações e fomentar manifestações em situação de conflito de ideologias.

As representações produzem sentimento de pertencimento. "Se você pode sentir simultaneamente o terror e a pena por uma situação, você teve um envolvimento total com essa experiência" (Anne M. Wagner, Historiadora da Arte). "Como encarnações e representações de culturas, as artes podem ter um tremendo poder, com implicações positivas e negativas, para fazer os participantes refletirem sobre as sugestões que compõem uma performatividade social ou dramática através das interações culturais" (J.P. SINGH, 2018).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A diplomacia cultural, enquanto âmbito que perpassa governos, mas também as relações entre sociedades ao redor do mundo, protege a diversidade e promove o reconhecimento do outro, fomentando contato entre gerações, nações e continentes. Através dela, é possível estabelecer elos entre diferentes culturas, gerando diálogos construtivos na sociedade, facilitando, assim, a prevenção e resolução de conflitos ao compartilhar valores. Nesse âmbito percebe-se que as artes visuais conseguem materializar, enquanto fonte de

pesquisa, essas dinâmicas. Poderíamos dizer ainda que a arte consegue ser fontes epistêmicas de se pensar conceitos e ações humanas – como as interpretações de Picasso sobre guerra e paz que construíram por gerações (em materiais didáticos escolares e na cultura popular) percepções e ações em nossa sociedade.

Demonstramos, através de acontecimentos históricos e registros artísticos, o poder da arte como registro político e sua respectiva contribuição e interferência em meio a situações conflituosas. Em específico, analisamos a vida política de Pablo Picasso, autor da talvez mais popular obra anti-guerra compartilhada em nossa cultura nos dias de hoje. Também fizemos o exercício de apontar seus respectivos impactos, tanto no trabalho de outros artistas, como na apropriação de agentes internacionais, como a ONU, diante das afinidades com os valores presentes nos trabalhos.

É possível compreender que a cultura tem um importante papel como espaço de agentes internacionais, apesar do tímido volume de discussões e investimentos acerca do tema em nossa academia. Sem dúvidas, a cultura é um elemento indispensável se tratando de política externa, considerando a capacidade de influência de um Estado como agente internacional. Mas, para além dos Estados, a presente pesquisa confirmou o esperado – novos agentes, como as organizações internacionais e a sociedade civil, utilizam-se de trabalhos artísticos para reafirmarem suas próprias convicções que, por sua vez, também possuem memórias originárias desses mesmos trabalhos.

## **REFERÊNCIAS**

>

ALAMBERT, Francisco. **Arte, Imagem, Guerra: Picasso, Guernica, Brasil.** 2008. Disponível em: <  
<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/dominiosdaimagem/article/view/19297/14694>>

BULL, Hedley. **A Sociedade Anarquica.** 2002. Disponível em:  
[http://funag.gov.br/loja/download/158-Sociedade\\_Anarquica\\_A.pdf](http://funag.gov.br/loja/download/158-Sociedade_Anarquica_A.pdf)

BUTLER, Judith. **Bodies that Matter: On the Discursive Limits of Sex.** 1993. Disponível em: <http://eng5010.pbworks.com/f/ButlerBodiesThatMatterEx.pdf>

COHEN, Cynthia. **Engaging with the Arts to Promote Coexistence.** 2003. Disponível em:  
[https://www.brandeis.edu/ethics/pdfs/publications/Engaging\\_Arts.pdf](https://www.brandeis.edu/ethics/pdfs/publications/Engaging_Arts.pdf)

E.H. Carr. **The Twenty Years Crisis.** 1939. Disponível em:  
[http://funag.gov.br/loja/download/40-Vinte\\_Anos\\_de\\_Crise\\_-\\_1919-1939.pdf](http://funag.gov.br/loja/download/40-Vinte_Anos_de_Crise_-_1919-1939.pdf)

FEIGENBAUM, H. **Globalization and Cultural Diplomacy. Arts, Culture & the National Agenda Issue Paper.** 2001. Disponível em:  
<<https://pt.scribd.com/document/133585756/Globalization-and-Cultural-Diplomacy-Georgetown-University>>

FEN OSLER HAMPSON, CHESTER A. CROCKER, PAMELA R. **Handbook of Peace and Conflict Studies.** 2007. Disponível em:  
<https://www.routledgehandbooks.com/doi/10.4324/9780203089163.ch3>>

GALTUNG, Johan. **The Art Of Peace**. 2017. Disponível em: <[http://www.peacefromharmony.org/?cat=en\\_c&key=622](http://www.peacefromharmony.org/?cat=en_c&key=622)>

GOLDEN, Thelma. **How art gives shape to cultural change**. 2009. Disponível em: <[https://www.ted.com/talks/thelma\\_golden\\_how\\_art\\_gives\\_shape\\_to\\_cultural\\_change#t-728997](https://www.ted.com/talks/thelma_golden_how_art_gives_shape_to_cultural_change#t-728997)>

GONÇALVES, S., MAJHANOVICH, S. **Art and Intercultural Dialogue**. 2016. Disponível em: <<https://www.sensepublishers.com/media/2716-art-and-intercultural-dialogue.pdf>>

HELD, J. **How do the Political Effects of Pictures Come About? The Case of Picasso's Guernica**. 1988. Disponível em: <<https://academic.oup.com/oaj/article-abstract/11/1/33/1511685?redirectedFrom=PDF>>

HUDSON, Valerie. **Culture and Foreign Policy**. 1997. Disponível em: <<https://www.questia.com/read/102565395/culture-foreign-policy>>

J.P. SINGH. **Performativity and Participation**. 2018. Disponível em: <http://www.ipsonet.org/publications/open-access/aia/aia-vol-3-no-1-spring-2018>

JONES, J. **As Aleppo burns in this age of lies, Picasso's Guernica still screams the truth about war**. 2016. Disponível em: <https://www.theguardian.com/artanddesign/jonathanjonesblog/2016/oct/12/picasso-guernica-aleppo-syria>

LASSER, Casey. **What Makes Guernica Picasso's Most Influential Painting**. 2017. Disponível em: <https://www.artsy.net/article/artsy-editorial-guernica-picassos-influential-painting>

TARVAINEN, S. **Impact of 'Guernica' is still felt**. 2012. Disponível em: <<http://www.nationmultimedia.com/life/Impact-of-Guernica-is-still-felt-30185958.html>>

UNESCO. **Constitution**. 1945. Disponível em: [http://www.unesco.org/education/pdf/UNESCO\\_E.PDF](http://www.unesco.org/education/pdf/UNESCO_E.PDF)

UNESCO. **Intercultural dialogue**. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/en/culture/themes/dialogue/intercultural-dialogue/>>

WENDT, Alexander. **Social Theory of International Politics**. 1999. Disponível em: <<http://www.quillaumenicaise.com/wp-content/uploads/2013/10/Wendt-Social-Theory-of-International-Politics.pdf>>